



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

FERNANDA PRISCILA PIRES CANDIDO

AUSÊNCIA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA DA LITERATURA
INFANTOJUVENIL CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: ANÁLISE DA OBRA
LUSBELINO DE EDMIR DOMINGUES

ORIENTADORA: PROF^a DR^a AMANDA RAMALHO DE FREITAS BRITO

João Pessoa

2021

FERNANDA PRISCILA PIRES CANDIDO

AUSÊNCIA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA DA LITERATURA
INFANTOJUVENIL CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: ANÁLISE DA OBRA
LUSBELINO DE EDMIR DOMINGUES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação dos Cursos de Graduação
Presenciais de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB –
Campus I) para obtenção do grau de
Licenciada em Letras com habilitação em
Língua Portuguesa sob a orientação da
Professora Dr^a Amanda Ramalho de Freitas
Brito.

Elaborada pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica

Candido, Fernanda Priscila Pires

Ausência da representatividade feminina da literatura infantojuvenil contemporânea brasileira: análise da obra Lusbelino de Edmir Domingues / Fernanda Priscila Pires Candido
23 f.:

Orientador(a): Amanda Ramalho de Freitas Brito

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras)

1. literatura contemporânea brasileira infantojuvenil. 2. representação feminina. 3. personagens mulheres. I. Brito, Amanda Ramalho de Freitas (Orient.) II. Título

Esse trabalho é fruto de um incessante número de vitórias emocionais sobre os obstáculos de uma pandemia. Nós não nos desistimos. A isto, eu o dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos parceirinhos que estavam lado a lado comigo enquanto escrevia: Washington, marido, companheiro e amigo; e Marvin e Aang, os pets-filhos mais incríveis que eu poderia ter. Passamos pela pandemia grudados: eu e esses três. Tivemos nossos próprios desafios pessoais. Tivemos nossas fugas. Mas, individualidades à parte, no nosso conjunto, foram principalmente eles quem me motivaram a não desistir. Sou grata pelo tanto que nós aprendemos juntos.

Agradeço a minha família, que está longe mas tem mulheres que ocupam espaço de representatividade feminina na vida real. Sou grata a minha mãe. Amo escrever, e o posso fazer graças a ela. Sou grata ao meu irmão que já me leu muitas vezes, vivemos muitas batalhas juntos.

Agradeço aos muitos amigos que me ouviram infinitas vezes sobre o desenvolvimento deste trabalho. Foram muitos os que acompanharam essa saga de pertinho, sobretudo nos últimos meses. Estive ausente muitas vezes, mas é certo que vamos comemorar juntos o encerramento desse ciclo.

Agradeço à minha orientadora e às professoras que tive a oportunidade de conhecer no curso de Letras da UFPB, nessas mulheres também encontrei representatividade.

Agradeço aos meus colegas de turma que me motivaram a continuar e seguir em frente, mesmo quando a pandemia tentou me parar.

Agradeço a Edmir Domingues por ter me apresentado Lusbelino, minha representação de demônio favorita na literatura até hoje. Ele é o protagonista da obra homônima, aquele que eu queria ser para sair por aí e aprender tudo sobre o mundo. Adoraria que fosse uma demônia, mesmo sem ser, é inegável o número de reflexões obtidas a partir dos aprendizados do personagem.

*“Nós todos não podemos ser bem sucedidos
quando metade de nós é retida.”*

Malala Yousafzai.

RESUMO

Esse trabalho monográfico é fruto de um grande desconforto em não encontrar representatividade feminina na leitura de uma obra literária brasileira contemporânea infantojuvenil, chamada *Lusbelino*, de Edmir Domingues (1996). Para encontrar dados que me fizessem compreender essa ausência, foram reunidas pesquisas de autoria feminina sobre a representação feminina na literatura brasileira contemporânea entre 1975 e 2010. Assumindo um compromisso de trazer somente contribuições de autoria feminina para esta pesquisa, trago para a discussão os resultados da pesquisa de Rosemberg (1975), que revelam uma grande preocupação com a representação por estereótipos dos gêneros sexuais na literatura. Trago também o diálogo entre o trabalho monográfico de Romanelli (2014) e uma pesquisa de Dalcastagnè (2005), que analisam dados do mapeamento: *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*, desenvolvido na Universidade de Brasília sob a coordenação da própria Dalcastagnè. Os resultados da pesquisa foram alcançados por meio de dados observados em produções literárias de 1990-2004, foram publicados em 2005, e revelam a ausência da representação de mulheres e grupos minoritários nas produções literárias de romances contemporâneos de autoria masculina. Além das pesquisadoras citadas até aqui, trago também as contribuições de Rossini (2016) e Zolin (2010) que também evidenciam a pouca visibilidade feminina em personagens desenvolvidos por escritores homens na literatura contemporânea. Elas trazem os personagens brasileiros que são evidenciados: homens, brancos e classe média-alta, tal e qual sua autoria. A partir do cruzamento de dados entre as análises percebi que *Lusbelino* representa um preocupante recorte do que nos é advertido desde 1975: temos constituído no Brasil um universo literário pautado no patriarcado, e é necessário uma desconstrução da construção das personagens femininas em obras literárias, principalmente de autoria masculina, visto que têm maior probabilidade de publicação, e maior alcance.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira infantojuvenil. Representação feminina. Personagens mulheres.

RESUMEN

Esta obra monográfica es el resultado de un gran malestar por no encontrar representación femenina en la lectura de una obra literaria brasileña contemporánea para niños y jóvenes, llamada *Lusbelino*, de Edmir Domingues (1996). Para encontrar datos que me hicieran comprender esta ausencia, la investigación de la autoría femenina se recopiló sobre la representación femenina en la literatura brasileña contemporánea entre 1975 y 2010. Asumiendo el compromiso de traer solo las contribuciones de la autoría femenina a esta investigación, traigo a la discusión los resultados de la investigación de Rosemberg (1975), quienes revelan una gran preocupación por la representación de los estereotipos de género en la literatura. También traigo el diálogo entre el trabajo monográfico de Romanelli (2014) y una investigación de Dalcastagnè (2005), que analizan datos del mapeo: *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*, desarrollado en la Universidad de Brasilia bajo la coordinación del propio Dalcastagnè. Los resultados de la investigación se lograron a través de datos observados en producciones literarias de 1990-2004, se publicaron en 2005 y revelan la ausencia de representación de mujeres y grupos minoritarios en las producciones literarias de novelas contemporáneas de autores masculinos. Además de las investigadoras mencionadas hasta ahora, también traigo las aportaciones de Rossini (2016) y Zolin (2010) quienes también destacan la poca visibilidad de la mujer en personajes desarrollados por escritores masculinos en la literatura contemporánea. Traen personajes brasileños que se destacan: hombres, blancos y clase media alta, al igual que su autoría. Del cruce de datos entre los análisis, me di cuenta de que *Lusbelino* representa una parte preocupante de lo advertido desde 1975: hemos constituido en Brasil un universo literario basado en el patriarcado, y es necesario deconstruir la construcción de personajes femeninos en la literatura. obras, principalmente de autoría masculina, ya que tienen más probabilidades de ser publicadas y tienen mayor alcance.

Palabras clave: Literatura brasileña contemporánea para niños y jóvenes. Representación femenina. Personajes femeninos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO — Da apresentação deste trabalho, seus componentes, e problemáticas observadas desde os elementos extra-textuais da obra analisada.	9
2	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA — Menções femininas em <i>Lusbelino</i> : das personagens do enredo, até as personagens literárias, culturais e referências citadas.	13
3	CONCLUSÃO — Da ausência de representatividade feminina até a exclusão de mulheres em <i>Lusbelino</i> , mais considerações finais.	22
4	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	26

1 INTRODUÇÃO — Da apresentação deste trabalho, seus componentes, e problemáticas observadas desde os elementos extra-textuais da obra analisada.

A obra a ser analisada neste trabalho será *Lusbelino*, que é um livro de literatura infantojuvenil brasileira contemporânea, escrito em 1986, revisto e publicado em 1996, pela editora Bagaço, sob a autoria de Edmir Domingues. Numa breve análise sobre os elementos extra-textuais, que fazem parte da estrutura do livro, percebemos que: nas orelhas há uma breve biografia do autor, e na contracapa há um release que caracteriza a obra como “uma fábula para adultos”. A obra se propõe a trazer, nos seus vinte e um capítulos, “questionamentos sobre a condição humana”, colocando *Lusbelino - Aventuras, desventuras, e ventura de um pequeno demônio* (Descrição na folha de rosto) - , como agente de reflexão sobre a condição humana em geral. Apesar de dedicado “a todas as crianças do mundo de hoje”, a dedicatória cita apenas o gênero masculino entre personagens e autores da literatura mundial. Dentre as epígrafes o autor também recorre, além da bíblia, somente a citações de autoria masculina. Assim, percebi que, nos elementos pré/pós textuais, a obra propõe uma reflexão referente a práticas perversas da humanidade, e outras questões ético-filosóficas e ecológicas, mas não retrata violências e opressões às mulheres, nem sequer as cita.

Diante desse sentimento de silenciamento das mulheres desde os elementos pré-textuais da obra, observei a necessidade de analisá-la por completo, e apresentar no desenvolvimento deste trabalho, uma análise interpretativa e crítica do enredo, com o direcionamento de referenciais teóricos. Serão mapeadas personagens femininas, menções a outras personagens literárias ou culturais, e referências femininas inexistentes, a fim de verificar se há alguma representatividade feminina nesta obra infantojuvenil que reflete sobre a condição humana, ou seja: de mulheres e homens.

Como principais referenciais teóricos serão utilizados, principalmente, os capítulos dois e três da monografia de Marina Romanelli (2014), que tem como título: *A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea*. Em sua pesquisa Romanelli(2014), que muito se embasa nas análises de Dalcastagnè (2005), também selecionada para este trabalho pois ambas dialogam sobre os dados da pesquisa: *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, e apresentam a exclusão feminina no espaço da literatura por um movimento proposital e político patriarcal e traz

dados que tratam o gênero masculino como padrão e natural, ela diz que: “Para se referir aos seres humanos, falamos ‘os homens’.” (ROMANELLI, 2014, p.10). No entanto, em *Lusbelino* me restou a dúvida se de fato aos citar a palavra “homens”, o autor Edmir Domingues estaria recorrendo ao sinônimo de humanidade (homens e mulheres), ou se representava a exclusão das mulheres, já que elas não exercem representatividade na narrativa. Para elucidar a falta de visibilidade feminina nas produções artísticas para além das obras literárias, a autora recorre a exemplos de filmes da Disney que embora tenham protagonistas femininas recorrem a títulos masculinos para não afastar o consumidor masculino.

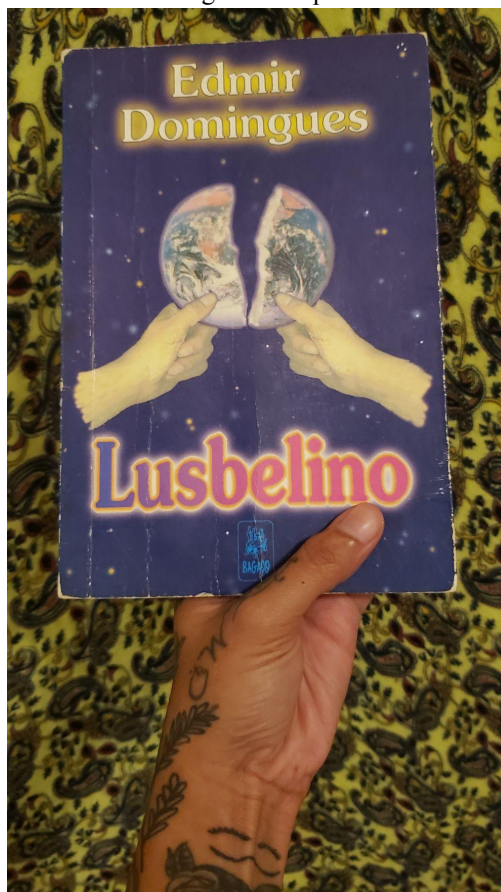
Entre outras formas de apresentar como a mulher é representada em obras literárias, Romanelli (2014, p. 11-12) usa o exemplo de como uma mulher é colocada na capa de um livro de ficção escrito por uma mulher, com o aparente objetivo de alcance do público feminino:

O romance é sobre um plano para assassinar dois bilhões de pessoas em uma noite, e a capa escolhida era (em tradução livre do inglês) “uma jovem moça cativante em um chapéu desleixado, contemplando um campo ventoso no horizonte — foco suave, em tons pastéis”. (...) Mais uma vez aparece a noção de que livros escritos por mulheres só são lidos por leitoras mulheres, como também aparece uma noção antiquada e estereotipada do que as mulheres querem consumir — livros leves, românticos, com capas delicadas, suaves, de tons claros, preferencialmente de paleta rosa. Romanelli (2014, p. 11-12)

Romanelli (2014, p. 13) explica ainda a reprodução dos estereótipos mais evidentes das produções de dos livros juvenil e *young adult*, público da obra analisada neste trabalho. sobre esses livros ela diz que: “Os para meninas possuem capas em tons de rosa e roxo, muitas vezes com uma foto ou desenho de moças jovens, eventualmente até glitter e brilho.”.

A partir disso verifiquei a capa de *Lusbelino*, como podemos verificar na figura 01. Percebi que a capa é composta pelo nome do autor, o planeta Terra dividido por mãos humanas (ou pelo conteúdo do livro observado até aqui: mãos de homens), e o nome do livro que é também o nome do protagonista masculino da obra. Todos esses elementos sob um fundo azul anil que assemelha-se ao Universo. Logo, e diante da descrição desse elemento extratextual, pareceu-me que *Lusbelino* é um livro escrito para o público masculino.

Figura 1: Capa



Fonte: Acervo pessoal.

Para compor a pesquisa bibliográfica e realizar a análise comparativa, juntamente a Romanelli (2014), recorri aos artigos de Fúlvia Rosemberg (1975), *A mulher na literatura infanto-juvenil: Revisão e perspectivas*, e de Lúcia Osana Zolin (2010), *Questões de gênero e de representação na contemporaneidade*. Essa última traz uma análise apresentando como ocorrem as representações femininas na literatura brasileira. Essa literatura é produzida, em sua maioria, por escritores homens, brancos, classe média-alta que descrevem e retratam em suas obras o seu próprio contexto. Ela evidencia a importância da desconstrução dessa realidade, que vem se consolidando por meio de publicações de autoria feminina. Com estas autoras consegui realizar uma pesquisa de dados e resultados com os quais irei comparar a leitura e análise descritiva de *Lusbelino* (1996). Sobre tudo Rosemberg (1975), que traz em sua pesquisa características e estereótipos femininos com os quais são desenvolvidas as personagens femininas.

Com o objetivo de alcançar uma escrita dados com maior consistência crítica, estarei recorrendo também ao método de pesquisa autoetnográfico, que pude conhecer por meio da monografia de Maria Alice Lins (2020): *Do enredamento à transformação: Corpo*

Negro performando (re)nascimento e resistência - fundamentada em Orlando Fals Borda e Grada Kilomba, como uma escrita que permite a possibilidade de apresentar também uma interpretação baseada em minhas vivências fomentando a reflexão sobre por que eu, pesquisadora, autora deste trabalho, e mulher, não me sinto representada, ou não percebo representatividade feminina na obra *Lusbelino*. A exemplo disso, retomo a análise da capa da obra, que como apresentada no parágrafo anterior, é dedicada ao público masculino. No entanto, este foi o primeiro livro que li com temática filosófica, eu tinha cerca de 12 anos de idade e lembro que chamou-me atenção pela capa que tinha um pedaço do universo. Depois retomei este livro tantas outras vezes durante meu percurso pessoal, o mesmo me trouxe reflexões importantes. Mas acredito que o que eu mais precisei, sobretudo durante minhas primeiras leituras, foram referências femininas. Foi o que senti falta. Este dado só pode ser inserido e acrescentado com valor real aos resultados dessa pesquisa, apresentados nas conclusões deste trabalho, por meio da construção autoetnográfica, que é não canônica, mas que permite a inserção do autor na pesquisa de forma eficaz (Magalhães, 2018).

O objetivo da pesquisa é demonstrar a falta da representatividade feminina na literatura infantojuvenil contemporânea brasileira, por meio da análise descritiva e interpretativa da obra literária *Lusbelino*, e outras pesquisas científicas, estabelecendo conclusões através de comparações efetuadas entre essas análises e argumentos provenientes da escrita autoetnográfica como é possível verificar a partir da seção a seguir.

2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA — Menções femininas em *Lusbelino*: das personagens do enredo, até as personagens literárias, culturais e referências citadas.

Como é possível verificar como resultado da pesquisa de Romanelli (2014, p.14): “é possível constatar a baixa participação feminina se comparada à masculina no romance brasileiro contemporâneo, seja no papel de produtor (escritor), ou no papel de personagem.”. Nesta pesquisa analisei um livro infantojuvenil de autoria masculina sobre a condição humana, que se inicia sem apresentação de nenhuma personagem feminina, e a primeira menção feminina ocorre somente no terceiro capítulo - *Capítulo III: Onde se conta sobre aquilo que Lusbelino viu, em uma fazenda de criação*. - quando o personagem Lusbelino escuta um trabalhador e um médico veterinário sobre o agronegócio que leva a crueldade animal. Neste capítulo, o veterinário tenta justificar a crueldade no agronegócio com crueldades maiores registradas historicamente, ele diz:

(...) Nos tempos antigos, as senhoras dos grandes proprietários, todas muito devotadas às suas religiões, mandavam colocar ovos aquecidos a altas temperaturas na boca de seus cachorros de estimação. Para que os cães não comessem os ovos que as galinhas botavam da capoeira. (DOMINGUES, 1996, p.20)

Percebi aqui que a mulher, escolhida como exemplo pelo Veterinário, é citada apenas como parte de um dado histórico, como funcionárias que cumpriam uma tarefa (a tarefa de adestrar os cães de maneira violenta). Podemos equiparar essa situação com o estereótipo de “dona de casa” estressada, responsável pela educação dos filhos, que recorria a métodos de violência física para obter o comportamento esperado. Corroborando com Romanelli (2014) que apresenta o esforço do mercado editorial brasileiro em reforçar os estereótipos femininos construídos pelo patriarcado nas produções, seja em desenvolvimentos de personagens ou na mera escolha da capa.

A segunda menção ao feminino ocorre no capítulo seguinte - *Capítulo IV: Onde se conta de como Lusbelino conheceu Chico, e aprendeu o que é poluição*. Neste caso, a representação feminina ocorre por meio da figuração. Lusbelino encontra seu companheiro de jornada Chico, o coadjuvante do gênero masculino: “um menino de cerca de doze anos, vestido modestamente, mas muito limpinho” (p. 24). Em seguida, esses dois personagens discorrem um diálogo sobre poluição quando Lusbelino tenta beber água de um rio poluído e Chico o impede. Eles seguem o caminho em busca de água potável e chegam num povoado onde:

Homens idosos e magros, de faces cavadas, consertavam redes, enquanto mulheres tristes lavavam roupas ao lado de crianças seminuas que brincavam com paus e pedras. (...) Uma mulher ainda jovem, embora com traços de envelhecimento precoce, deu-lhes água, em velha e amassada caneca de alumínio. (DOMINGUES, 1996, p.27)

Lusbelino conversa com essa mulher, e embora sua fala seja curta e seguida pela frase de um velho que traz a reflexão do capítulo, a moça consegue contar um pouco da história da pobreza local e termina: “Hoje o povoado só tem velhos e mulheres. Os moços foram embora, tentar a vida noutros lugares.” (p.28). Justificando a presença da figura feminina pela ausência da figura masculina e deixando aberto um espaço para a interpretação onde permite-se o questionamento: se ainda houvessem moços, provavelmente seria com eles que Lusbelino e Chico estariam conversando. Percebi aqui que o gênero determinou o destino da jovem moça, que, sendo mulher, não pode ir tentar a vida em outros lugares como os jovens moços. Isso, além da pobreza, deve justificar a tristeza das mulheres que faziam parte do cenário lavando roupas, descritas pelo narrador.

Como já mencionado, a fala da jovem é seguida pela de um velho que é o personagem responsável por emitir a lição de moral do capítulo. Este é um capítulo que fala sobre a desigualdade social entre o agronegócio representado no *Capítulo III* e o povoado muito pobre representado no *Capítulo IV*. Corroborando com Zolin (2010, p. 188), que apresenta em suas análises a representação feminina sem representatividade como “um maniqueísmo reducionista que em nada condiz com as reais e múltiplas identidades femininas que povoam nossa realidade”, ainda que realidade esteja numa publicação de 1986 revisada em 1996. Diferente das obras de autoria feminina citadas por Zolin (2010), *Lusbelino* reafirma a lógica binária, centralizando o enredo a uma identidade masculina.

Até aqui percebi, em relação aos resultados da pesquisa de Rosenberg (1975, p.139), que Lusbelino estabelece um diálogo por meio do seguinte: As personagens femininas adultas dedicam-se principalmente a atividades domésticas [como cuidar dos cachorros na personagem-exemplo citada pelo Veterinário no Capítulo III; e lavar roupas como as personagens que compõem o cenário no *Capítulo IV*]. Já os personagens masculinos dedicam-se a atividades profissionais [como os trabalhadores, o Veterinário, e os moços que foram tentar a vida em outro lugar].

Mais adiante, o livro discorre algumas páginas onde a temática central é a de maus tratos aos animais. Em dois capítulos seguidos, retrata uma prática de tiro ao alvo com o uso de pombos e uma briga de galos. Essas descrições levam a reflexão sobre a crueldade

humana. No entanto, a “humanidade” tem sido descrita até aqui, em sua maioria, por personagens masculinos, são somente eles: Homens elegantes, assistentes, atiradores, um cidadão que conversa, e um homem que para do lado. Na página trinta observei o seguinte diálogo entre Lusbelino e um homem que estava a seu lado:

- Mas ele mata os pombos pra quê?
- Para nada. Por puro esporte. Dizem que somente dois animais matam pelo prazer de matar. O tigre e o homem.
- Mas o tigre, pelo menos, é irracional. (DOMINGUES, 1996, p.20)

Aqui percebemos que a palavra “homem” pode estar assumindo o significado de “raça humana”. Essa palavra é usada várias vezes no decorrer do enredo com o mesmo significado. ou seja, prefere-se a inserção e repetição de uma palavra com peso masculino, a seus sinônimos: humanidade, raça humana, etc... Revelando que a palavra “homem”, mesmo que utilizada algumas vezes como o sinônimo de “humanidade”, não engloba o gênero feminino. Assim também, a condição humana sobre a qual a obra propõe reflexão, não inclui o gênero feminino de forma representativa. Corroborando com Romanelli (2014; p. 27) que pontua enfaticamente a predominância de escritores e personagens masculinos, brancos, de classe média por meio de uma literatura que reproduz a representação de ambientes sociais e juízos de valor excludentes das mulheres e outros grupos minoritários (negros e marginalizados, por exemplo).

Somente no sétimo capítulo houve uma nova menção feminina - *Capítulo VII: Onde Lusbelino e Chico aprendem segredos acerca do comércio de passarinhos*. Onde segue com reflexões sobre os maus-tratos animais, é mencionada uma personagem feminina a partir da página 40. Esta moça faz parte de um jovem casal (dezoito e vinte anos) e Lusbelino ouviu quando a moça disse ao rapaz:

- Na briga de canários as fêmeas estão presentes. Na briga de galos não. E o rapaz respondeu:
- Os galos brigam por puro instinto. Os canários não. Os canários só lutam porque pensam estar defendendo suas fêmeas da cobiça do inimigo. Os canários são como cavaleiros andantes. Combatem pelas suas damas.
- A moça sorriu, e beijou o rapaz, como que agradecendo a tirada poética. (DOMINGUES, 1996, p.41)

Rosemberg (1975) diz que a literatura representa juízos de valor que a constituem e que são historicamente variáveis, havendo uma estreita relação com ideologias sociais. Percebi aqui que a jovem personagem feminina romantiza um homem, comparando-o aos canários que brigam por suas fêmeas, e encontra sua licença poética no meio de uma briga de galos. Há a reprodução do estereótipo de mulher jovem e frágil que precisa de quem as

defenda, e essa defesa necessita, conforme a obra, vir de cavalheiros andantes, associados a homens corajosos. Os capítulos seguintes tratam de questões políticas-sociais, e a preferência do povo pelo entretenimento em relação à ciência, violência policial, ditadura, corrupção e política.

No capítulo onze: *Capítulo XI: Onde Lusbelino e Chico ouvem falar de política e assuntos correlatos*. Neste, o narrador explica que Lusbelino gostava de perguntar e por isso colocava-se “junto a cidadãos de meia idade, que usassem óculos” (p. 63), ela supunha que tais pessoas fossem mais intelectualizadas. Até aqui, Lusbelino não é colocado ao lado de personagens femininas que usem óculos, somente homens assumem essa função e figuram nos diálogos. Durante a leitura observei o médico veterinário, o professor, o cético, o padre... sempre o “homem” (palavra também utilizada como sinônimo de humanidade, porém majoritariamente representando somente o protagonismo masculino). Essa análise conclui que a obra *Lusbelino* não reconhece a intelectualidade somente pela meia idade e o uso de óculos dos personagens, mas também em seu gênero masculino, reproduzindo em seu enredo os estereótipos masculinos (machistas, patriarcais).

Ainda neste capítulo, para trazer reflexões sobre o poder, o autor, por meio da fala de um professor, usando a intertextualidade, menciona dois autores: o filósofo Nicolau Maquiavel, citando “um manual da corrupção ao Príncipe, da Renascença, que é sem dúvida uma grande obra de crítica satírica.” (p.69). E o poeta Jonathan Swift, mencionado como “um renomado escritor irlandês, em um livro publicado do século dezesseis, em que o seu personagem visita países exóticos...” (p. 69). Em seguida, cita um trecho do livro *As Viagens de Gulliver*, de sua autoria. Além destas, no capítulo seguinte: *Capítulo XIII: Onde Lusbelino e Chico reencontram o professor, e ouvem dele uma apavorante lição*. - que trata da continuidade da conversa de aprendizados com o Professor, são mencionados também o inventor Alberto Santos Dumont e os astronautas Yuri Gagarin e Neil Armstrong (p.80). Além de referenciar “o grande poeta e teatrólogo inglês” (p.87) William Shakespeare com uma citação do Ato V de *A Tempestade*. Constatei que até aqui, só existem referências masculinas para o enredo. Percebi então que, do mesmo modo como Romanelli (2014) verifica em sua pesquisa um número reduzido de mulheres autoras, e mulheres personagens, caracterizando a ausência delas, aqui há representação dessa ausência, visto que somente homens são mencionados.

Somente no décimo quarto capítulo (p. 84) - *Capítulo XIV: Onde Lusbelino e Chico escutam, em uma praça, uma conversa de dois homens*. - mulheres voltam a ser citadas.

Neste capítulo, o protagonista fica atento aos diálogos entre um cético e um padre. O gênero feminino é citado por meio de personagens bíblicos. Depois de um longo discurso, sobre fraquezas humanas percebidas em histórias bíblicas, proferido pelo cético que sequer cita Eva, somente na página noventa e um, há uma menção a um nome feminino próprio: “- Estranho Deus esse que se divertia trocando o nome dos seus fieis. Abrão/ Abraão. Sarai/Sara. ”(p. 91). Compreendi aqui, pelo senso comum, que o nome Sarai/ Sara é um substantivo feminino próprio, mas não há nada que deixe realmente claro que esta seja uma personagem feminina da Bíblia. Logo em seguida, o cético cita alguns outros personagens femininos da bíblia, coadjuvantes na história de Abraão:

Por exemplo: quando Abraão foi viver na terra de Gerar, diz a Bíblia que negou a sua mulher. Enviou-a, dizendo que era sua irmã ao rei Abimelech, que a quis tomar como mulher. (...) Abraão tinha uma concubina chamada Hagar, e desta um filho, chamado Ismael. (...) E o anjo predisse a Hagar o triste destino já previsto contra Ismael, e os ismaelitas (...) (DOMINGUES, 1996, p. 21)

Ambas as personagens foram utilizadas para exemplificar a conduta maléfica de Abraão. E embora essa conduta seja direcionada a essas mulheres, isso não é mencionado. Assim, estas personagens limitam-se somente a ilustrar a “maldade” dele. Uma delas, a primeira, nem tem seu nome citado. O Cético continua descrevendo problemáticas de Abraão e cita a personagem Rebeca (sua nora):

(...) Quando Isac estava crescendo Abraão, mandou buscar, de entre seu povo, uma esposa para ele. Foi escolhida, pelo mensageiro, Rebeca, sobrinha de Abraão. Da união de Isac e Rebeca houve dois filhos gêmeos. Esaú e Jacó. (...) É bom não esquecer que Isac repetiu a dissimulação de seu pai Abraão. Estando também em Gerar, espalhou a notícia de que Rebeca não era sua mulher, e sim sua irmã, com medo de que fosse morto, porque Rebeca era formosa à vista, segundo a Bíblia. Seriam esses dissimulados os favoritos do senhor? (...) (DOMINGUES, 1996, p. 93)

Percebi aqui, que essa outra personagem escolhida pelo Cético, a Rebeca, também é colocada como assistente das maldades do seu filho favorito Jacó. Atribuindo a ela uma atitude condenável de preterir a um de seus filhos, e ajudá-lo a roubar uma benção que seria dada ao outro filho. Rebeca acoberta Jacó e o auxilia na fuga, mandando-o para terra de parentes. Sobre essa história bíblica o cético conclui: “Os varões e as mulheres bíblicas sempre foram chegados a embustes e traições” (DOMINGUES, 1996, p. 93). Aqui, percebi que ele cita varões como uma categoria dentre os muitos tipos de homens bíblicos: Varões, reis, profetas, discípulos, entre outros. Já as mulheres são citadas de um modo geral, incluindo todas as personagens femininas bíblicas. Observei que foi citado o gênero

feminino, “mulheres bíblicas”, para atribuir-lhe o estereótipo de “chegada a embustes e traições”. Enquanto o gênero não é citado na menção aos nomes próprios na página noventa e um, sobre como Deus gostava de se divertir trocando o nome de seus fiéis para atender suas necessidades de diversão do protagonista da Bíblia, o gênero não foi importante. Porém, para descrever as personagens femininas como chegadas a embustes e traições, o gênero foi evidenciado.

A escolha de Domingues (1996) para essa referência, reforça um estereótipo machista sobre as mulheres, já que cita uma obra em que todos os seus personagens femininos gostam de embustes e traições. Até aqui, consegui perceber o apresentado por Rosemberg (1975, p. 139) que já nos alertava desde a década de setenta: “os papéis sexuais são representados de maneira estereotipada na literatura infantojuvenil, a mulher ocupando uma posição inferior.”.

O Cético segue suas explicações e exemplos citando as primas Lia e Raquel, personagens utilizadas para ilustrar como Jacó foi enganado por seu tio, pai das moças. E, já que as mulheres são chegadas a confusões, o cético descreve Raquel que era formosa, chegada a entorpecentes, e troca drogas por encontros sexuais entre a irmã e o marido. Lia não despertava interesse de seu marido pois era feia. Esse trecho revela mais um estereótipo machista, o de que mulheres precisam estar dentro dos padrões de beleza dos homens para despertar seu interesse matrimonial e sexual. Deste modo, encerram-se as citações de personagens femininos neste capítulo. Percebi, que a própria Bíblia, selecionada como referência por Domingues(1996), interpretada pelo personagem Cético, evidencia a baixa participação feminina nas produções literárias. Verifiquei que quando essas personagens aparecem, são representadas em sua maioria com pouca relevância. As que têm alguma relevância, se limitam a reproduzir estereótipos de gênero. Esse dado já nos é apresentado por Rosemberg (1975) desde 1975, e também expressado na pesquisa de 2005 apresentada por Romanelli (2014).

No capítulo seguinte: *Capítulo XV: Onde continua a conversa do Cético com o Crente, a propósito das histórias da Bíblia.* - há a continuação do diálogo sobre religiosidade. O Cético cita mais duas personagens bíblicas, a primeira é Micha (p. 100), filha do Rei Saul, por quem Davi matou duzentos filisteus com a finalidade de pagar-lhe o dote de cem prepúcios (parte superficial da genitália masculina). E a segunda é Betsabá (p.101):

Uma tarde, passeando pelo terraço superior do palácio real, avistou, em uma casa ao lado, uma mulher formosa, que se banhava. Perguntou quem

era e lhes disseram que era Betsabá, mulher de Urias. Mandou mensageiros buscá-la, e, usando da sua condição de Rei, deitou-se com ela. Como Betsabá engravidou, Davi mandou chamar Urias, que estava na guerra, para que ele dormisse com a mulher, e pensasse que o filho era dele. (DOMINGUES, 1996, p.101)

Percebi aqui mais uma coadjuvante na história de Davi. Nesse caso, a personagem selecionada pelo Cético, foi usada para suprir as necessidades e os desejos do rei. Reforçando o estereótipo machista de que mulheres devem servir aos desejos dos homens. Em mais um exemplo da crueldade humana contida na bíblia, escolhida e citada pelo Cético, a vítima foi Urias, marido de Betsabá, que foi enganado e morto, e não a mulher que foi usada pelo rei. Betsabá foi premiada por Deus com Salomão: “um filho que tornou-se o mais sábio e rico dos homens”. (DOMINGUES, 1996, p.101). Não me senti representada por essa referência que interpreto como uma personagem que somente atende as necessidades sexuais de um rei, e cumpre a função de lhe dar filhos. Enquanto o personagem masculino é agente ativo e exerce seu protagonismo movimentando a trama de modo a cumprir todas as suas escolhas. Ou seja, ocorre como o observado por Rossini (2016) que nos apresenta uma representação feminina na literatura, inferior e submissa aos personagens masculinos.

Ainda neste capítulo, o Cético cita outras referências masculinas para embasar suas opiniões: Stuart Mill - pensador liberal (p.101), Voltaire - filósofo iluminista (p.103), Swift (p.104) - já citado anteriormente nas páginas 69 e 70, e um certo poeta que não deixa claro quem é e não foi possível encontrá-lo somente pela referência dada, na página 107. Percebi até aqui que há exclusividade de apresentações de referências masculinas, sobretudo no capítulo seguinte que ainda trata da temática religiosa: *Capítulo XVI: Onde Lusbelino e Chico passaram diante de um templo, e conversaram com o senhor Pároco*.

Neste capítulo, todos os celestiais citados são masculinos. Até as imagens percebidas pelos protagonistas são somente as masculinas, como as de São Francisco de Assis, percebida por Chico na única vez em que cita sua mãe: “- Aquele é São Francisco. Minha mãe é uma grande devota dele.”(DOMINGUES, 1996, p. 111) - e Cristo crucificado, sobre quem o Pároco faz uma breve explanação nas páginas seguintes. Ele diz que: “(...)Jesus Cristo foi o filho de Deus”, “Foi filho dos pobres” (p. 112). Percebi aqui que a personagem cristã, Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, santificada pela igreja católica por ser a mãe de quem Jesus Cristo também era filho, foi excluída. Assim concluo que, a ausência de personagens femininas de grande relevância na bíblia, ocorre pelo silenciamento imposto pelos personagens masculinos na narrativa de *Lusbelino*.

Para Zolin (2010), os conteúdos das práticas discursivas reproduzem o sistema de valores das tradições de uma dada sociedade, e a partir de Foucault, nos apresenta a preocupação com o modo como as verdades são representadas pela linguagem. Observei então que a verdade representada na narrativa de *Lusbelino*, inclui a ausência feminina, sobretudo no ambiente religioso cristão, que é predominante em no contexto social-geográfico em que a obra está inserida. Aqui retomo a informação que *Lusbelino* é uma obra infantojuvenil contemporânea brasileira, escrita em 1986, mas revisada e publicada dez anos depois. Em nenhum momento o contexto geográfico da narrativa é descrito com precisão. No entanto, o autor pernambucano descreve alguns cenários de interior: num primeiro momento a fazenda de agropecuária, depois cenários como lavagem de roupas no rio, conversas de praça, um comício político, e brigas de galo. Ele conhece também um aeroporto, que pode caracterizar um cenário urbano. O que percebi, em todos esses espaços, é que a representação feminina ocorre por meio de personagens sem relevância nem representatividade. Há também a exclusão total do discurso feminino, como quando são excluídas mulheres cientistas, escritoras e filósofas das citações, e nas escolhas do Pároco onde houve exclusão de representações femininas na igreja. Isso acaba por promover o observado por Zolin (2010), que é “o apagamento da diversidade proveniente das perspectivas sociais marginais, que incluem mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários desempregados...”. Isso constitui fundamentalmente narrativas com práticas discursivas patriarcais, tal qual, pelo que tenho observado nessa análise, *Lusbelino*.

Uma nova menção feminina só vem ocorrer no *Capítulo XVIII: Onde Lusbelino se enche de esperança, e o que encontra depois*. Quando Lusbelino direciona-se a um senhor na praça a fim de obter informações sobre seu companheiro Chico. O senhor idoso lhe responde: - Não. Não vi. E estou sentado aqui há duas horas, e não teve ninguém na praça, além de mim, a não ser uma velhinha, que passou, levando a passear o seu cachorrinho. Ninguém mais. (DOMINGUES, 1996, p.123) - Informação sem relevância que apenas ilustra o cenário.

No *Capítulo XIX: Onde se conta das viagens de Lusbelino*. - o narrador diz que Lusbelino correu o mundo, esteve em muitos lugares, até em certos locais do Brasil (p.126). O narrador afirma: “Quando concluiu as viagens estava convencido que o homem é o mesmo, em qualquer lugar do mundo.”(DOMINGUES, 1996, p.126). Percebi aqui a representação de um contexto mundial e atual, que exclui e/ou reprime a representação feminina. Essa repressão ocorre quando personagens femininas são inseridas no texto

apenas para compor o cenário, como a velhinha mencionada no capítulo dezoito. Além dela, outras menções femininas só vêm ocorrer novamente no *Capítulo XX: Onde se conta da viagem que Lusbelino fez à Espanha*. Neste capítulo, Lusbelino conhece a cultura espanhola, e já no primeiro parágrafo cita dois grandes personagens masculinos da literatura espanhola: Dom Quixote e Sancho Pança (p.127). O autor recorre ao universo das touradas para discorrer sobre os aprendizados de Lusbelino diante da cultura espanhola e crueldade animal. O narrador explana:

Lusbelino achava belíssimas as espanholas, com seus leques, suas mantilhas e suas castanholas. E, mais que tudo, o seu olhar deslumbrante. Mas elas não estavam vestidas assim, para assistir a tourada. Vestiam trajes modernos e esportivos. (DOMINGUES, 1996, p.128)

Percebi aqui que representou apenas a insatisfação de Lusbelino em ver as espanholas sem trajes da cultura tradicional. Depois disso, o narrador segue explicando a trajetória de uma tourada e menciona mais duas representações femininas: a filha do Presidente da corrida, responsável por guardar em seus joelhos a capa de matadores da corrida; e, na página seguinte, uma jovem na plateia, como verificamos a seguir:

Olhou a plateia, até que os seus olhos localizaram uma jovem, que procuravam. Atirou à mesma a sua montera, o seu chapéu, fazendo-lhe o *brindis*, e dedicando-lhe a *faena*, ou seja a sua exibição. (DOMINGUES, 1996, p.131)

Depois de vencer o duelo com o touro, o matador dedica algumas partes do touro morto a esta jovem na arquibancada:

Era o prêmio e o sinal da grandeza do seu desempenho. O matador tomou-as, e as ofereceu à jovem para quem lançara a *montera*, e dedicara a *faena*, provavelmente sua noiva, que as recebeu com viva alegria. A oferta era uma dádiva inesquecível. (DOMINGUES, 1996, p.133)

Assim, com representações femininas que apenas ilustram a explicação sobre outra cultura, num cenário onde o protagonista é um personagem masculino, o Toureiro, encerram-se as menções femininas na obra, comprovando a pouquíssima visibilidade ao gênero feminino na obra. Restando somente o capítulo final: *Capítulo XXI: Onde se conta o último dia de Lusbelino na Terra*. Com a representação do desfecho para o pequeno demônio. Encerro aqui a análise da narrativa, no próximo capítulo são detalhadas as conclusões.

3 CONCLUSÃO — Da ausência de representatividade feminina até a exclusão de mulheres em *Lusbelino*, mais considerações finais.

A partir dos dados observados nas pesquisas selecionadas para este trabalho, juntamente aos dados obtidos na análise da obra *Lusbelino*, pude perceber que, como em Romanelli (2014), a problemática da falta de espaço para a figura feminina em *Lusbelino*, e outras obras da literatura contemporânea brasileira, está diretamente ligado a falta de publicação de autoras mulheres. Visto que é comum a autoria masculina não dar visibilidade a representações femininas, acredita-se numa falta de interesse pela leitura de autoria feminina influenciada por um meio de produção literária patriarcal. Por meio dessa análise literária, percebi que a falta de publicação e leitura de obras femininas resulta numa outra problemática: obras literárias dedicadas ao público infantojuvenil que cita somente autores, cientistas e filósofos, todos homens, como ocorre em *Lusbelino*, acabam apenas reproduzindo estereótipos criados por uma política masculina de exclusão das mulheres.

É trazido por Dalcastagnè (2005) e Romanelli (2014), que esta exclusão é ocasionada pela autoria masculina por representar contemporaneamente suas vivências. Em comparação, Dalcastagnè (2005) nos diz que enquanto existe uma média de 30% de personagens femininos em obras de autoria masculina, nas de autoria feminina chega tem uma média de 50% de personagens masculinos. Ou seja, enquanto no universo de autoria feminino há representação de personagens masculinos e femininos, na autoria masculina há somente representação masculina com alguma visibilidade. A vivência reproduzida pela autoria masculina, na literatura contemporânea, bem como visto na infantojuvenil por meio de *Lusbelino*, aproxima-se do contexto de patriarcado, no qual o autor está inserido, logo, reproduz e compartilha o patriarcado.

Percebi então que, embora nas pesquisas trazidas por Dalcastagnè (2005) e Romanelli (2014), e também por Rosemberg (1975), tenham sido analisados somente romances brasileiros contemporâneos; as outras categorias de obras brasileiras, exceto as de autoria feminina, produzidas nos mesmo período, podem reproduzir os mesmos resultados das pesquisas, do mesmo modo que *Lusbelino*. As mesmas autoras também evidenciam o quanto e o modo como as mulheres são excluídas pelo cânone literário. Essa exclusão é reproduzida em *Lusbelino* quando durante toda a narrativa são citados grandes autores e escritores, bem como cientistas e filósofos, todos homens. As mulheres e suas produções são excluídas da narrativa de *Lusbelino*.

Para além das citações e referências, foram encontradas poucas personagens femininas no decorrer do enredo de *Lusbelino*. Desse modo, não fosse sua categoria infatojuvenil, entendi que *Lusbelino* poderia ser um recorte para o mapeamento de personagens apresentado por Dalcastagnè (2005). Percebi então que, não somente a categoria de romances na literatura brasileira contemporânea é escrita pautada no machismo e patriarcado, também outras categorias, como a infatojuvenil, são escritas e publicadas sob estas bases. Aparentemente, se foi escrito pela maioria de escritores (homens, brancos, classe-média) publicados no Brasil na contemporaneidade, independente de sua categoria, retrata contextos próximos a sua vivência. Dessa forma, será uma escrita pautada no machismo, que evidencia personagens homens e brancos, e apresenta personagens femininas estereotipadas, que não tem evidência nem representatividade, ou exclui e silencia representações e referências femininas.

Até aqui, as pesquisas apresentadas neste trabalho demonstram, em números, a predominância de escritores e personagens masculinos, brancos, de classe média, ou seja, uma carência de diversidade de pontos de vista. Semelhante ao que li em *Lusbelino*, uma obra de autoria masculina e branca que descreve experiências de um personagem protagonista do gênero masculino, que escuta e aprende, em sua maioria, com outros homens. Revelando mais uma vez, a ausência da representatividade feminina na composição dos personagens.

Quanto à comparação com os resultados obtidos por Rosenberg (1975), verifiquei que *Lusbelino*, publicado em 1996, duas décadas depois da pesquisa, ainda traz a reprodução de muitos dos estereótipos apresentados por ela. É sabido, e é trazido em dados a este trabalho por meio das pesquisas datadas entre 1975 e 2005, de Rosenberg (1975), Dalcastagnè (2005) e Romanelli (2014), que o gênero feminino é menos representado desde a sua autoria nas publicações brasileiras. Além disso, e talvez exatamente por existir um número excessivamente maior de escritores homens, os personagens femininos que exercem alguma importância nas produções são significativamente inferiores. Aqui, eu trouxe como recorte a análise de uma obra escrita e publicada no período intermediário entre uma pesquisa e outra, para, a partir da comparação, verificar o diálogo entre a obra e os resultados apresentados pelas pesquisadoras. Diante desse cruzamento de dados e informações, percebi em *Lusbelino*, muito dos resultados das pesquisas analisadas, ainda que uma delas tenha sido realizada muito antes de sua publicação já revelando a necessidade de mudança. Percebemos aqui que, muito lentamente, as mulheres têm conseguido se inserir, ou ser inseridas, nas narrativas e também nas produções, podendo

retratar figuras femininas das formas e sentidos mais diversos. Aumentando o número de produtoras, aumentamos o nível de representações e de representatividade. Daí a necessidade e a importância de movimentos como o Mulherio das letras (@mulheriodasletras_oficial), do qual tive a oportunidade de participar como voluntária no encontro de 2017 (em João Pessoa) que promove a disseminação da escrita de autoria feminina.

Até aqui, consegui perceber também que *Lusbelino* é uma obra que representa esse pouco espaço de crescimento nas representações femininas na literatura contemporânea brasileira de autoria masculina, entre 1975 e 2005. Rossini (2016) e Zolin (2010) pontuam que esse cenário é diferente se analisarmos obras de autoria feminina, mas vale lembrar que, mesmo com os movimentos de um coletivo como o Mulherio das Letras, o número de publicações de autoria feminina é significativamente menor que as de autoria masculina. Deste modo, os escritores homens também podem desconstruir suas representações femininas, e retratar mulheres que tenham visibilidade em suas narrativas. Percebi que Zolin (2010) também dialoga com as percepções de Dalcastagnè (2005) quando evidenciam que a representação feminina ganha visibilidade nas obras de autoria feminina. Nestas obras, personagens de ambos os gêneros ganham importância, ou seja, leitores de ambos os gêneros podem reconhecer a configuração. Deste modo, um indicativo de solução, além da divulgação e consumo de obras de autoria feminina, é o mapeamento e análise dessas obras. Certamente, essa é uma inquietação que me motiva a uma próxima pesquisa.

Analisando o contexto da obra, percebi que os dados trazidos por Dalcastagnè (2005, p.35) indicam que personagens de narrativas brasileiras contemporâneas se deslocam por um chão literário em tudo semelhante ao da realidade brasileira atual. Aqui, entendi a grande parcela de responsabilidade das obras contemporâneas com seus leitores, sobretudo as destinadas ao público infantojuvenil (a quem influenciam), como é o caso de *Lusbelino*. Isso porque, como colocado por Dalcastagnè (2005, p. 35) o efeito de realidade gerado pela familiaridade com que o leitor reconhece o espaço da obra acaba por naturalizar a ausência ou a figuração estereotipada de minorias, no caso de *Lusbelino*: as mulheres.

Sobre o narrador também não fica explicitado seu gênero, no entanto como a obra é de autoria masculina, e não infere nenhuma representatividade feminina durante toda sua narrativa, entendi que o narrador ocupa um espaço de personagem masculino. Estabelecendo mais um diálogo com Dalcastagnè (2005, p.31), quando diz que “além de

serem minoritárias nos romances, as mulheres têm menos acesso à “voz” – isto é, à posição de narradoras – e ocupam menos as posições de maior importância”.

Quanto a experiência com a escrita auto-etnográfica, que me permitiu desenvolver esse trabalho em primeira pessoa, e inserir em minhas análises sentimentos pessoais sobre as motivação que não me levam a me perceber representada pelas mulheres mencionadas na narrativa de *Lusbelino*. Percebi que isso ocorre exatamente porque as personagens não têm nenhuma visibilidade. Não é porque elas não fazem parte do meu contexto, é que elas não existem, e quando existem eu não me reconheço. Mas me reconheço no discurso de ter sido uma menina que se interessou e quis refletir sobre esse livro, de capa azul, escrito para meninos. Senti falta de referências femininas nas quais eu pudesse me reconhecer ou me espelhar. Enquanto leitora, sinto uma grande necessidade de me inserir numa narrativa. Meu interesse em *Lusbelino*, se dava porque eu queria me colocar no lugar do protagonista para aprender tudo sobre o mundo. Me foi apresentado um mundo onde não há representatividade nas representações femininas, e há o silenciamento de mulheres por meio da exclusão de referências femininas nos campos da arte, ciência e religião.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71.

DOMINGUES, Edmir. *Lusbelino*. Recife: Editora Bagaço, 1996.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. *Vareadas - Revista de Estudos Linguísticos*, v.22, p. 16-33, 2018.

ROMANELLI, Marina. *A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea*. UFRJ/ECO, 2014. 51 folhas. Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2014.

ROSEMBERG, Fúlvia. A mulher na literatura infanto-juvenil: revisão e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n.15, p. 138–140, 1975.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A construção do feminino na literatura: Representando a diferença. *Trem de Letras*, UNIFAL, Minas Gerais, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 jul. 2016.

SOUZA, Maria Alice Lins Apolonio de. *Do enredamento à transformação: Corpo negro performando (re)nascimento e resistencia em “Metamorfose” de Cristiane Sobral*. UFPB/CCHLA, 2020. 58 folhas. Monografia (Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade. *Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.